



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da Usina Hidrelétrica Monte Claro-RS**

Veranópolis-RS, 11 de janeiro de 2005

Eu estava vendo os governadores que me antecederam falarem e estava imaginando a hora em que eu fosse chegar aqui, com esse arzinho virado para o meu lado. E ele está virado exatamente ao contrário.

Meu querido amigo Germano Rigotto, governador do estado do Rio Grande do Sul,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra de Minas e Energia,

Meu querido companheiro Miguel Rossetto, ministro do Desenvolvimento Agrário,

Deputado Vieira da Cunha, presidente da Assembléia Legislativa do estado do Rio Grande do Sul,

Meu caro Sérgio Zambiasi, senador da República,

Senhora Maria do Rosário, minha querida companheira deputada federal,

Senhores deputados federais Francisco Appio, Francisco Turra, Osvaldo Biolchi, José Augusto Nardes, Marco Maia, que virou deputado recentemente; Mauro Passos,

Meu caro Valdir Andres, secretário estadual de Energia, Minas e Comunicação do Rio Grande do Sul,

Senhor Valdemar de Carli, prefeito municipal de Veranópolis,

Quem nunca tinha vindo a Veranópolis, eu aconselho, pela longevidade do povo desta cidade, eu espero que vocês levem pelo menos um pouco da água de Veranópolis ou, quem sabe, outras coisas daqui, para que a gente



possa viver mais também nas outras regiões do Brasil. Aqui, a média de vida é de 78 anos contra os 72 no estado do Rio de Grande do Sul. E eu penso que bem menos na minha terra. De qualquer forma, como eu vou levar água de Veranópolis e aquela cesta básica, pelo menos isso vai me permitir viver muito mais.

Senhor Wilson Ferreira Júnior, presidente do Grupo da Companhia Paulista de Força e Luz, CPFL,

Senhor Paulo Roberto Fraga Zuch, diretor-superintendente da CERAN – Companhia Energética Rio das Antas,

Senhor Antonio Carlos Brites Jaques, presidente da CEEE – Companhia Estadual de Energia Elétrica,

Senhor José Antunes Sobrinho, presidente da Desenvix,

Senhor Carlos Ermírio de Moraes, presidente do Conselho de Administração da CPFL

Senhor Rafael Nogueira de Freitas, presidente do conselho da Camargo Correa,

Senhor Lázaro Brandão, presidente do conselho do Bradesco,

Senhor Luiz Roberto Nascimento, vice-presidente da Camargo Correa,

Meu querido Sérgio Rosa, presidente da Previ,

Meu querido Silas, presidente da Eletrobrás,

Meus queridos companheiros deputados estaduais,

Prefeitos aqui presentes,

Meus queridos vereadores,

Secretários de estado,

Minhas amigas e meus amigos empresários,

Jornalistas,

Meus queridos companheiros do Rio Grande do Sul,



Para avançar neste novo ciclo de desenvolvimento sustentado em que ingressamos, o Brasil está investindo, e vai investir muito mais, em infraestrutura, em especial na geração de energia, sem a qual nenhum país pode crescer.

Para isso, elaboramos regras claras, juntamente com todos os segmentos da área, que hoje estão consolidadas em novo marco regulatório para o setor.

E temos nos empenhado em realizar uma gestão planejada e eficiente que tem racionalizado a utilização da nossa capacidade instalada e definido os rumos da maior geração de energia no Brasil.

É, portanto, com grande satisfação, que estamos aqui hoje, na “terra da longevidade”, inaugurando uma obra que atende não só a necessidades prementes, mas também ao desenvolvimento de longo prazo do nosso país.

Quero lembrar que o Complexo Energético Rio da Antas-Ceran, do qual faz parte a Usina Monte Claro, constitui-se no primeiro processo de avaliação integrada de bacia, realizada no país para fins de licenciamento ambiental de empreendimentos energéticos. Esse processo teve a participação, e é importante lembrar, do nosso ex-governador Olívio Dutra, para que isso pudesse ter um bom início. Portanto, a obra seguiu rigorosos padrões de preservação do meio ambiente, o que deverá servir de referência aos demais projetos que estão sendo implementados pelo nosso governo.

Como já enfatizou a companheira Dilma, aos 130 megawatts de capacidade instalada da Usina Hidrelétrica Monte Claro irão se somar novos 230 megawatts, quando entrarem em operação as outras duas usinas que integram o Complexo Energético Rio das Antas. No total, serão 360 megawatts de energia, o que permitirá atender a cerca de 10% da demanda do estado do Rio Grande do Sul.

A previsão, como vocês sabem, é de que o Complexo esteja concluído em 2007, devendo gerar, na construção das outras duas usinas, cerca de 3 mil



empregos diretos e 8 mil indiretos.

Não sei se vocês estão percebendo, mas o problema de fazer discurso por escrito é que como eu não tinha conversado com quem falou antes de mim, e nós estamos inaugurando a mesma obra, normalmente os números são repetitivos e não poderia deixar de ser diferente. Seria ruim se cada um citasse um número aqui para se mostrar mais autêntico do que o outro, porque vocês iriam falar: não participamos da inauguração de uma hidrelétrica mas, sim, de uma mentira porque cada um disse uma coisa. Então, é importante que a gente repita as mesmas coisas, sem termos conversado antes.

Isso sem contar com os 1.670 empregos diretos e cerca de 3.200 indiretos, gerados sobretudo em 2004, na construção desta Usina Monte Claro.

Além da importância geral desta obra, é preciso destacar os benefícios específicos que ela traz para esta região.

No período de execução do Complexo, o que inclui as três usinas, a receita gerada, em ISS, para estes sete municípios que estão aqui em volta, será de cerca de 4 milhões de reais. Acho importante que os prefeitos não comecem a gastar antes de receberem o dinheiro. É importante esperar cair no caixa para começar a gastar, porque senão poderão ser pegos pela Lei de Responsabilidade Fiscal, por terem gasto dinheiro que ainda não existia.

Com o início de operação das usinas deverão ser gerados cerca de 3 milhões e 700 mil reais por ano a título de royalties, que serão divididos meio a meio entre esses municípios e o estado do Rio Grande do Sul. Como o Estado é generoso, ele não vai querer a parte dele e vai dividir para os municípios ficarem com mais dinheiro.

E tem mais. Nova Roma do Sul, Veranópolis e Cotiporã, onde ficarão localizadas as casas de máquinas, vão receber ainda cerca de 4 milhões de reais de ICMS ao ano por conta da operação comercial das usinas.

Meus amigos e minhas amigas,

Esta inauguração está ocorrendo num momento em que já temos um



novo modelo para o setor elétrico brasileiro, mais seguro para investimentos.

Em dezembro de 2003, o BNDES aprovou financiamento de 435 milhões e 800 mil reais para o Complexo. Até então, as obras de Monte Claro, iniciadas em abril de 2002, vinham sendo tocadas com recursos próprios da Companhia Energética Rio das Antas, da CPFL Geração, da Companhia Estadual de Energia Elétrica e da Desenvix.

Quero enfatizar que a usina Monte Claro não é importante somente para o estado do Rio Grande do Sul, ela é importante para o Brasil.

Esta usina faz parte de um conjunto de 12 empreendimentos, 11 hidrelétricas e uma termelétrica, que entram em operação ainda este ano. Juntas, essas novas usinas vão incorporar 3.000 megawatts ao parque gerador nacional, o que representa um aumento de 4,4% na capacidade instalada.

Além disso, ainda neste ano estarão em construção mais 15 usinas hidrelétricas, que representam 4.742 megawatts de energia, investimentos da ordem de 2 bilhões e 500 milhões de reais e 28.400 novos empregos diretos e indiretos.

Também neste ano, o Ministério de Minas e Energia vai licitar a construção de outras 17 usinas hidrelétricas, com potencial para gerar mais 2.800 megawatts.

Tenham certeza de que vamos ter a energia necessária para sustentar o nosso desenvolvimento. O governo está totalmente engajado no esforço indispensável para ampliar os investimentos na infra-estrutura energética brasileira.

Meus amigos, minhas amigas,
Meu caro companheiro Rigotto,
Deputados, senadores, empresários.

Na verdade, eu não ia nem ler o meu discurso porque o que eu quero falar não está no discurso. Eu penso que é importante cada um de nós refletir o que nós queremos do Brasil para os próximos 10, 15 ou 20 anos.



Tinha um prefeito numa cidade de São Paulo, uma cidade de 3 mil, quase 5 mil habitantes, em que ele era pedreiro, e disputou muitas eleições até ganhar. Tinha tudo quanto é tipo de preconceito contra ele. Preconceito porque ele não era palmeirense, porque ele não era santista ou são paulino, porque ele era negro, porque ele era pobre, eu sei que esse rapaz comeu o pão que o diabo amassou. Um dia, eu fui visitar esse rapaz e ele me disse uma frase, e eu tenho pensado muito nela: “um homem ou um governo é do tamanho dos seus sonhos. Se ele pensa grande, ele realiza grande, se ele pensa pequeno, ele realiza pequeno”.

Por que eu estou dizendo esta frase? Porque o Brasil vive um momento tão extraordinário que nós não temos o direito de pensar pequeno. Nós não temos o direito de não acreditar que se o século XIX foi da Europa, se o século XX, foi dos Estados Unidos e, no final, foi da China, por que o século XXI não pode ser o século de transformar o Brasil numa verdadeira e grande nação respeitada no mundo inteiro?

E não será nenhum estrangeiro, não será nenhum chinês, nenhum americano, nenhum europeu e nenhuma outra pessoa de outro país que irá determinar esse novo momento do Brasil, esse novo comportamento da sociedade brasileira.

Quem vai determinar isso somos nós: governo, trabalhadores, empresários, cientistas. São aqueles que, verdadeiramente são os responsáveis pela construção do tipo de nação que nós queremos. Eu não vou discutir números econômicos, porque eu acho que ninguém aqui entende tanto como o nosso querido Lázaro Brandão de números econômicos e sabe perfeitamente bem que hoje é até muito cômodo para a gente dizer: as coisas estão indo muito bem, mas um ano atrás eram poucos os que tinham coragem de acreditar que o Brasil pudesse chegar em 2005 nas condições em que chegou. E ele chegou por duas razões fundamentais: primeiro, a seriedade com que nós tratamos as coisas no Brasil. Não prometermos o que não



podemos fazer, não gastar o dinheiro que nós não temos e não nos endividarmos mais do que já estamos endividados, porque quanto mais dívida mais dificuldade nós teremos de fazer os investimentos necessários.

A prudência de 2003 e a prudência de 2004 me permitem chegar em 2005, na inauguração de uma obra extraordinária como esta, e dizer para vocês: não tem por que 2005 não ser o ano mais importante da década neste país. Nós estamos preparados, com as contas do governo muito bem equilibradas, sem permitir que a euforia tome conta de nós para gastarmos aquilo que não temos, porque a mentira tem perna curta. Já vivemos outros momentos na história deste país que parecia que nós íamos deslanchar e, de repente, fomos dormir devendo 100 e acordamos devendo 400. Fomos dormir tendo 30 para receber e quando nos levantamos não tínhamos nada para receber. Nós não achamos que o Brasil deve passar por um susto outra vez. Nós não estamos pensando no Brasil para os próximas eleições, as próximas eleições serão consequência de um mandato que está estabelecido em lei. Nós fomos eleitos para governar quatro anos e para fazer por este país o que precisa que seja feito, porque se não dermos o passo certo agora, não iremos fazer a distribuição de riqueza que precisa ser feita neste país para acabar com a grande quantidade de pessoas que vivem abaixo da linha de pobreza. E isso não será feito com facilidade, será feito com muito trabalho.

Não pensem que foi fácil aprovar o marco regulatório do setor elétrico, não pensem que não foram centenas de acusações, embates, críticas, às vezes denúncias caluniosas e, em nenhum momento, nós perdemos um milímetro de tranquilidade, porque estamos predestinados a não perder a chance que este país tem hoje de um ciclo de crescimento sustentável que possa durar 10, 15 ou 20 anos. E para isso nós precisamos de energia elétrica.

Nós precisamos de energia elétrica e ela pode ser feita de vários tipos, pode ser eólica, termelétrica, a gás, a diesel, biomassa. O Brasil, na produção das termelétricas, com a quantidade de água que nós temos, se tivermos



coragem de fazer os projetos bem feitos... onde não pudermos produzir 10 mil megawatts, produziremos 5 mil, 6 mil, porque também não queremos fazer um processo de degradação no nosso país. Nós queremos fazer as coisas tal como precisam ser feitas, e não culpem o Ibama, por favor, porque nós costumamos procurar um culpado, seja na casa da gente, quando um filho comete um erro, ao invés de a gente olhar se nós, os pais, somos os culpados, nós ficamos procurando o erro na casa do vizinho, nos amigos dos nossos filhos. Não adianta culpar o Ibama. O Ibama cumpre uma legislação que foi aprovada no nosso país, porque lamentavelmente o Brasil é assim, o mesmo Estado que dá com uma mão é o Estado que proíbe com a outra.

Então, se a gente quiser que as coisas sejam mais rápidas, nós precisamos mudar a legislação existente no país. Como eu acho que não precisa mudar, porque nós temos que ser mais responsáveis com o cuidado do Planeta, nós precisamos apenas colocar em prática um coisa que a Dilma tem colocado no governo, chamada “transversalidade” nos nossos procedimentos. Ou seja, quando a Dilma pensa em fazer uma hidrelétrica, ela não se senta com a sua turma sozinha para discutir, ela se senta com a sua turma, mas ela se senta com a turma do Ibama, com a turma no Ministério do Meio Ambiente, com a turma da Fazenda, para quando a gente definir que é aquele projeto, as coisas já estarem mais ou menos resolvidas. É por isso que nós vamos poder produzir a quantidade de megawatts que a Dilma citou aqui e que eu repeti agora.

E um desafio para os empresários. Nós acabamos de aprovar o projeto da PPP. Um ano e dois meses esperando ser aprovado. Foi um “disse que disse” tremendo, mas o Congresso Nacional, de forma madura, aprovou o projeto, ele agora está pronto.

Eu dizia ao Luiz, da Camargo Correa, que nós agora vamos começar a fazer o bom desafio aos empresários brasileiros, vamos começar a desafiar os empresários para começarmos a discutir os principais projetos de infra-



estrutura deste país. A recuperação dos 11 principais portos do país. Quem é, aqui, do Rio Grande do Sul, sabe a dificuldade de transportar ou de escoar a produção deste estado pelo porto de Rio Grande, que precisa ser recuperado. A nossa frota marítima foi rifada muitos anos atrás, e é preciso reconstruí-la; as nossas ferrovias foram privatizadas e não foi dada aos ganhadores da concessão a responsabilidade de fazê-las funcionar. Colocamos nas nossas prioridades. E este ano vamos definir os trechos da ferrovia que precisamos consertar.

Só para vocês terem idéia, Rigotto, em São Paulo nós temos, a 16 quilômetros do Porto de Santos, duas ferrovias que se encontram. Uma deveria permitir que a outra passasse ou cobrar uma coisa razoável; uma acha que o preço que se cobra é muito caro. Mas uma carga que está a 16 quilômetros do Porto de Santos, às vezes tem que esperar 48 horas parada até que haja permissão para que ela possa trafegar no trilho de uma outra empresa. Foi esse o processo de privatização e nós precisamos consertar, porque sem isso o Brasil não consegue dar os passos necessários para atender à sua demanda de crescimento interno que, este ano, se Deus quiser, vai chegar a 130 milhões de toneladas de grãos, e grande parte precisa escoar. Mas não apenas grãos e matéria-prima, nós, hoje, somos grandes exportadores de produtos manufaturados porque estamos aprendendo a vender a qualidade do povo brasileiro no exterior. E aí os empresários são peças importantes e fundamentais nisso.

Eu dizia para a Dilma: nós vamos ter que fazer, agora, em março ou começo de abril, um grande encontro de empresários brasileiros e estrangeiros para que a gente mostre um pacote de oportunidades de parcerias: quais são as estradas, quais são as pontes, quais são as hidrelétricas, quais são os gasodutos, quais são as coisas que o Brasil precisa, quais são as coisas que têm rentabilidade, quais são as coisas que os empresários podem fazer por conta própria, quais são as coisas que o BNDES tem que acionar em



investimento, quais são as coisas que nós temos que procurar investidores estrangeiros para colocar dinheiro aqui, porque se depender do Orçamento Geral da União, nós podemos fazer muito pouco neste país. E é preciso ter coragem para assumir essas coisas; é preciso ter coragem de dizer que este país não retrocederá; este país vai continuar crescendo, vai continuar crescendo de forma responsável e vai crescer este ano.

Eu, de vez em quando, não ironizo porque não é bom brincar com números, mas quando vejo os deuses das estimativas começarem, em janeiro, a dizer o que vai acontecer em dezembro, eu fico pensando: será que essas pessoas não acreditam? Será que nós somos estáticos, que não fazemos as coisas mudarem? Vocês estão lembrados que, no ano passado, a previsão era 3,5%? Não foi 3,5%, foi 5%. E este ano eu penso que poderemos crescer 5% ou um pouco mais. Vai depender da tomada de posição do governo para ser o indutor da confiança que vocês deverão ter nos projetos, nos marcos regulatórios e nos contratos que nós fizemos para que a gente possa, definitivamente, dormir toda noite sossegados, porque este país não será pego de sobressalto com nenhuma aventura irresponsável e, muito menos nós voltaremos a ter apagão.

A Dilma está tendo, nesta semana, que explicar a diferença entre apagão e incidente, entre apagão... não precisa explicar muito não, Dilma. Não precisa explicar muito não, porque o povo sabe que houve um tempo em que faltou energia porque estávamos com a nossa capacidade de oferta de energia superada pela demanda. E, hoje, o povo sabe que nós já temos mais energia do que a demanda, temos uma reserva e vamos produzir muito mais energia, porque sem energia a gente não consegue provocar nenhum investidor estrangeiro ou brasileiro a acreditar no investimento do país.

Portanto, eu quero terminar dizendo aos empresários aqui presentes, aos trabalhadores, a todos vocês: o momento é de acreditar neste país. Obviamente que tem eleições o ano que vem e, sempre que tem eleição,



muitas vezes a cabeça do político não pensa mais em nada a não ser na eleição. E aí, ao invés de pensar o futuro do país para daqui a 30 anos, começa a fazer curativos, começa a fazer obras imediatas que, às vezes não produzem nada ao longo do tempo. Nós não iremos fazer isso. Quem deve estar preocupado com a eleição de 2006 não sou eu, porque tenho um mandato até dia 31 de dezembro de 2006. O meu papel é cumprir com as minhas obrigações e fazer com que este país, mais uma vez, aproveite a chance que está sendo dada pela bondade deste povo, pelos acontecimentos em nível internacional. Eu quero dizer para vocês que não jogarei fora essa oportunidade. Essa oportunidade é ímpar, e se eu não sair pelo mundo defendendo este país e defendendo a crença que eu tenho no potencial de crescimento, quem irá sair pelo mundo defendendo?

Por isso eu quero agradecer a todos vocês e quero dizer que vocês não se arrependirão de fazer os investimentos que o país precisa, de acreditarem nas PPPs, de acreditarem nas parcerias que nós pretendemos fazer, porque todos nós, até no anonimato, passaremos pela história como aqueles que contribuíram definitivamente para o Brasil virar uma grande e definitiva nação e não mais um século de eterno país em via de desenvolvimento. Nós atingimos maioria política, a nossa democracia se constitui numa coisa sólida, as instituições funcionam corretamente, portanto, nós não temos o que temer. O que nós temos é que competir, porque ninguém dará ao Brasil o que o Brasil precisa se dar.

Muito obrigado e meus parabéns por esta obra extraordinária.